

A MONITORIA E SEU COMPROMISSO ÉTICO-POLÍTICO NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jayane Sara Moreira do Nascimento ¹
Tatyane Marques Ferreira ²

RESUMO

As vagas de acesso ao ensino superior têm constantemente se expandido nas últimas décadas, assim como o aumento da inclusão da diversidade no sistema educacional. O curso de Psicologia, consequentemente, a cada ano, passa a ser mais procurado em instituições públicas e privadas. No entanto, tais dados não se constituem por si mesmos, ou seja, sem as demandas sociais que exigem produção de conhecimentos tecnocientíficos mais especializados na área da saúde. À vista disso, corroboramos com a ideia de que os esforços para a abertura de espaços que formem psicólogos resolutivos ainda são insuficientes no que diz respeito à qualidade da formação crítica. Assim, este trabalho visa não apenas apresentar as problemáticas da formação em psicologia na contemporaneidade, mas também destacar a potência de uma experiência de monitoria, no sexto período do curso de Psicologia, desenvolvida na disciplina de Comportamento, Sociedade e Psicologia. O objetivo deste trabalho é apontar a monitoria como um lócus de formação ético-política, frente à lógica performática e utilitarista da formação acadêmica. Para tanto, o estudo se caracteriza por um relato de experiência. Conclui-se que a experiência de monitoria possibilitou a criação de um espaço que articula a prática da teoria, o ensino e aprendizagem, e a criação de vínculos e relações entre sujeitos desejantes no mundo que habitam.

Palavras-chave: Monitoria, Psicologia, Formação, Ética, Política.

INTRODUÇÃO

A monitoria acadêmica, apesar de ser uma atividade curricular centrada na formação, se torna espaço fértil para mobilizações que extrapolam essa construção profissional. Entretanto, constantemente, é encarada como fazer mecânico, em que o estudante-monitor acaba por se tornar apenas mais um acessório na sala de aula. O estudante tende a não ser reconhecido como um sujeito que se constrói em novas relações e produz novas formas de transmissão na disciplina que cursou. Com base nisso, Batista e Frison (2009) afirmam que a monitoria precisa ser percebida "como uma tarefa que

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Uninassau Olinda-PE, jayanesara5@gmail.com;

² Professora orientadora da monitoria na Faculdade Uninassau Olinda - PE, Mestra em Psicologia Práticas e Inovação em saúde mental – UPE, Psicóloga pela Universidade Católica de Pernambuco – psitatyaneferreira@gmail.com.



Com isso, torna-se importante neste trabalho destacar a potência de uma experiência de monitoria, no sexto período do curso de Psicologia, desenvolvida na disciplina de Comportamento, Sociedade e Psicologia, em período de grande salto no mercado universitário no País.

A formação bancária cada vez mais frequente nas instituições de formação se centra nas demandas do mercado, privilegiando uma formação performática e utilitarista, em que a adaptação do estudante às exigências e resultados mensuráveis ganham mais enfoque e sua função social e política é apagada (Freire, 2000). Isso atravessa diretamente o curso de psicologia que, de forma predominante, dá ênfase na sua dimensão psicopatológica, voltada aos diagnósticos e protocolos em detrimento da posição reflexiva e crítica diante do exercício profissional. Os alunos “trancam-se dentro de suas crenças e ensurdecem para tudo o que possa contestá-las” (Figueiredo, 2004, p.18). Desse modo, alunos e instituição de ensino ficam amordaçados, isto é, silenciados e limitados à mera prática de repetição de conteúdos instituídos, impedindo que sejam abordadas questões de suas realidades e novas construções (Ferreira, 2020).



Afinado a isso, Lacan (2003, p. 303) nos aponta que o ensino implicado é aquele que permite movimentar “os limites ou barreiras ao saber”, circulando em seu desejo, em suas produções, sendo assim, a formação como território de mobilizações de desejos de saber. Nesse sentido, a formação não pode ser um puro processo de depósito de conhecimento, em que só se reproduz o que se memorizou, pelo contrário, ela deve desenvolver perguntas ao outro para criações que construirão caminhos. Paulo Freire (2001) argumenta:

Assim, as instituições de ensino são cruciais na oferta de oportunidades acadêmicas que permitam expandir o lugar de formação, uma vez que suas vivências possibilitam a compreensão e articulação dos fenômenos para sua futura profissão. Especificamente, isso condiz com o compromisso ético-político dos cursos de psicologia em possibilitar uma posição de implicação com questões que afetam a produção da subjetividade, isto é, confrontar as teorias com os contextos políticos, sociais, raciais e econômicos. Mezan (2002) deixa claro que uma psicologia ética é àquela que produz um campo de reflexão indispensável, uma vez que reconhece e questiona a sua prática profissional, servindo como um instrumento crítico e reflexivo para ajudar a examinar as atuações, pressupostos e efeitos sobre o sujeito. Partindo dessa perspectiva, uma formação ética em psicologia confronta dilemas da educação contemporânea neoliberal pautada na alienação à razão diagnóstica, em que o foco psicológico está na ideia de cura como ajuste social do sujeito.

Ainda sobre isso, Figueiredo (2015) afirma “o que define a clínica psicológica como clínica é sua ética: ela está comprometida com a escuta do interditado e com a sustentação das tensões e dos conflitos” (p.40). Guareschi (1997) também caminha nesse



sentido, abordando a ética como campo de relações com os outros, em que nestas interações são produzidos significados, o que afasta a ideia de ética como conjunto de normas.

Diante disso, a formação de psicólogos éticos advém da construção de consciência crítica, social e política nos estudantes, em que a monitoria se torna espaço fértil. Nesse sentido, Bock (1997) argumenta a necessidade de construir na psicologia:

um psicólogo aliado da transformação social, do movimento da sociedade e dos interesses da maioria da população. Um psicólogo inquieto, conspirador, que saiba estranhar aquilo que na realidade se torna tão familiar que chega a ser pensado como natural. [...] Um psicólogo permeável às inovações que aceite o desafio de, coletivamente, produzir alternativas à Psicologia tradicional (p. 41).

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de natureza narrativa que visa “aprofundar-se em significados, motivos e valores em vez de quantificar dados” (Gil, 2008, p.132). Desenvolvido na modalidade de relato de experiência, temos como objetivo refletir criticamente sobre uma prática de monitoria tecida no campo ético-político na formação em Psicologia.

Assim, o relato de experiência (RE) do presente trabalho demarca as vivências de uma aluna do curso de psicologia enquanto monitora na disciplina de Comportamento, Sociedade e Psicologia, cursando seu sexto período no segundo semestre de 2024. No decorrer da monitoria, foram realizadas encontros de orientação que indicavam realização de leituras, fichamentos dos textos indicados pela professora orientadora, produção de slides e elaboração de dinâmicas para a turma, o que permitiu a monitora, enquanto sujeito na prática, mobilizar questões sobre seu processo formativo e provocar os alunos que tinha contato em sala de aula ao seus desejos na atuação em psicologia. Desse modo, as informações apresentadas foram construídas a partir da observação participante e narrativa da monitora em prática de monitoria.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A vivência prática na disciplina de Comportamento, Sociedade e Psicologia se configurou com espaço de politização da formação e construção de uma prática psicológica contrária à patologização da vida, uma vez que conceber os transtornos sem



Ao longo deste trabalho foi possível sublinhar que a formação bancária produz práticas profissionais que alimentam as demandas do mercado, privilegiando uma formação performática e utilitarista centrada na adaptação do estudante às exigências e resultados mensuráveis. A universidade, cada vez mais, se distancia de sua função social, ao se reduzir à maquinaria técnica que oculta interesses dominantes. Logo, a construção de uma atuação crítica tende a tensionar mobilizações pessoais e questões socioculturais, alinhadas aos princípios éticos que orientam a profissão.



Desse modo, a monitoria se constitui como espaço importante para produção de uma atuação ética. O relato de experiência nos expõe como a vivência de monitoria no curso de Psicologia se mostrou fundamental para a revisão do conhecimento teórico e prático, além de fazer monitor e pares serem provocados na criação de uma relação interpessoal, consigo e com a profissão que almeja.

REFERÊNCIAS

BATISTA, J. B; FRISON, L. M. B. F. Monitoria e aprendizagem colaborativa e autorregulada. In D. Voos & J. B. Batista (Orgs.), *Sphaera: sobre o ensino de matemática e de ciências* (pp. 232-247). Porto Alegre: **Premier**, 2009.

BOCK, A. M. B.. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 17, n. 2, p. 37–42, 1997.

BUTTI, G. Formação e desinstitucionalização em saúde mental. In: BUTTI GIOVANNA. *Saúde mental, formação e crítica*. Rio De Janeiro, Brasil: **Laps**, 2015. p. 65-78.

FERREIRA, T. M. A escola e sua mordaza: tecendo acerca da vigente cena escolar. In: BRITO, Carlos (Org.). *Era uma vez um patinho feio que virou cisne: desmistificando o papel do psicólogo escolar*. 1. ed. Fortaleza, CE: **Expressão Gráfica e Editora**, 2020.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Psicologia: uma (nova) introdução*. São Paulo: **EDUC Cortez**, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. M. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 8. ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2015.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Rio de Janeiro. **Vozes**. 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: **Editora UNESP**, 2000.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, 15(42), 259-268, 2001.



FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: **Paz e Terra**, 2005.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: **Atlas**, 2008

GUARESCHI, L. Ética, Justiça e Direitos Humanos. In: COIMBRA, C. M. B. (Coord.). Psicologia, Ética e Direitos Humanos. Brasília: **Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia**, 1998.

LACAN, J. Alocução sobre o ensino. Em outros escritos. Rio de Janeiro: **Jorge Zahar Ed**, 2003.

MEZAN, R. A ética como espelho para a Psicologia. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2002.

RINALDI, D. Psicanálise e saúde mental: a pesquisa na universidade In: RINALDI DORIS. Psicanálise, Universidade e Sociedade. Rio de Janeiro, Brasil: **Cia de Freud**, 2011. p. 176-184.

